

Refletindo sobre impasses na formação de professores

por Regene Brito Westphal (ISERJ/FAETEC)¹, Bruno Alves Faria (Bolsista FAPERJ)².

A gradativa desvalorização e as pressões cotidianas que os professores hoje enfrentam, tais como: insegurança, violência, sobrecarga de trabalho, insuficiência de recursos para uma atualização profissional adequada, e outras aflições, incita-nos a problematizar quem é hoje esse sujeito que, apesar de tanta adversidade, propõe-se a estudar Pedagogia. Que sentimentos e propósitos movem jovens e adultos a escolherem o magistério? Quais são suas motivações e expectativas? Que conteúdos serão necessários num curso de Pedagogia para que a formação desse futuro professor o prepare para o enfrentamento dos desafios sociais do mundo contemporâneo? Como se constrói, ou se esvazia a identidade desse profissional de estratégica relevância social?

Como professora do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ, uma instituição que, desde 1930, é voltada para a formação de professores, iniciei um estudo sobre os alunos do curso de Pedagogia que, em 2009, pela primeira vez, foi implementado na instituição. Dividido em etapas, o estudo vinculado ao PROMEMO², é sobre a inter-relação professor / sociedade / identidade com os desafios, limites e possibilidades impostos pela contemporaneidade à profissão docente. A idéia

é ampliar o conhecimento sobre: os sujeitos que optam pela formação para o magistério; a compreensão dos fatores sociais e culturais que motivam ou desmotivam esse sujeito; a identificação dos mecanismos que dificultam ou facilitam essa formação e as subjetividades que envolvem a formação da identidade do professor no mundo atual. O estudo tem acompanhado as três primeiras turmas do curso de Pedagogia do ISERJ e está previsto para ser finalizado em dezembro de 2012, quando as turmas encerram sua graduação. Os resultados da primeira etapa da pesquisa a qual teve como foco o levantamento do perfil e a trajetória dos alunos que hoje escolheram a formação docente, é o tema deste trabalho que aqui apresentamos. Para o levantamento desses dados foram aplicados setenta e dois questionários semiabertos com quatro campos temáticos: dados pessoais, formação, informação e lazer, expectativas.

Os desafios de se formar professor

Muitas têm sido as críticas sobre a formação dos professores para o Ensino Fundamental; especialmente, daqueles responsáveis pelas séries iniciais. No entanto, o atual debate sobre a vincu-

lação entre a qualidade da formação e a atuação de professores e os insuficientes resultados obtidos com os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, dificilmente menciona ou problematiza a dimensão mais ampla que rodeia a escola, o processo de escolarização e o perfil daquele que se dispõe a ser professor. O professor é questionado, os currículos e os formatos dos cursos de formação vêm sendo discutidos, mas pouco se fala publicamente dos limites impostos à profissão num panorama de tamanha complexidade. A sociedade e a opinião pública não dão atenção aos enfrentamentos existenciais e pedagógicos com os quais o professor de hoje precisa lidar. Os enfrentamentos relacionais com alunos e familiares são sempre interpretados de forma a responsabilizar a escola e os professores pelo fracasso da educação em nosso país.

Sobre os impasses relacionais entre professores e o alunado, constata-se segundo Cortezão(2002) um mal-estar educativo, causado pela massificação da escola na modernidade que vem colocando em pauta a função social da profissão docente. Verifica-se uma dificuldade na relação pedagógica, porque mudaram as características do público e nem sempre a escola e os professores atendem às novas

demandas dos alunos que recebem.

Por exemplo, um dos fatores que parece gerar esse mal-estar é justamente de ordem sócio-cultural e diz respeito à sedução dos demais canais de informação, a que hoje crianças e jovens acessam, tornando o espaço escolar pouco atrativo e ao mesmo tempo um espaço de sociabilidade conturbada pelos princípios e valores que impregnam a dinâmica social atual. Tudo isto coloca ao professor um desafio maior para o cumprimento de seu papel.

E, um outro ponto importante, que nos interessa particularmente, diz respeito aos cursos de formação de professores. As críticas surgem de todos os lados e os embates, embora necessários, nem sempre são produtivos. Em sucessivas mudanças de estrutura, de currículos e até mesmo de nomes, os cursos de formação de professores têm sido alvo de polêmicas e de medidas governamentais que visam a encontrar o caminho para melhor capacitar o professor para que exerça eficazmente sua função. Um movimento natural, mas que inevitavelmente coloca também em evidência a responsabilidade, nem sempre relativizada, do futuro professor na solução dos problemas educacionais.

Há dois anos numa reportagem da Revista VEJA, a professora e pesquisadora Eunice Durhan, da USP, fez duras

críticas aos cursos de Pedagogia. Diz a professora, dentre outras críticas:

As faculdades de Pedagogia formam professores incapazes de fazer o básico, entrar em sala de aula e ensinar a matéria. Mais grave ainda, muitos desses profissionais revelam limitações elementares: não conseguem escrever sem cometer erros de ortografia simples nem expor conceitos científicos de média complexidade. Chegam aos cursos de Pedagogia com deficiências pedrestres e saem de lá sem ter se livrado delas. Minha pesquisa aponta as causas. A primeira, sem dúvida, é a mentalidade da universidade, que supervaloriza a teoria e menospreza a prática. Segundo essa corrente acadêmica em vigor, o trabalho concreto em sala de aula é inferior a reflexões supostamente mais nobres. O objetivo declarado dos cursos é ensinar os candidatos a professor a aplicar conhecimentos filosóficos, antropológicos, históricos e econômicos à educação. Pretensão alheia às necessidades reais da escola – e absurda diante de estudantes universitários tão pouco escolarizados.
(Revista Veja, 26/11/2008)

Os resultados da pesquisa realizada pela Profa. Eunice Durhan levam-nos a refletir sobre aspectos da formação docente que não são contemplados apenas pela graduação. Quando aponta as “deficiências

pedrestres” que trazem para a graduação, Durhan desperta para uma questão mais ampla que é a origem dessas deficiências, que provavelmente não serão sanadas por nenhuma graduação. Por mais que tenhamos nos cursos de formação de professores um currículo equilibrando conhecimentos teóricos e práticos necessários a uma formação ideal, será sempre uma tarefa difícil recuperar a base que uma escolarização fundamental de qualidade garantiria aos que chegam ao ensino superior no Brasil. Sabemos que não é apenas na Pedagogia que essas “deficiências pedrestres” estão presentes. Sabemos, também, que a desigualdade de acesso a bens culturais e a outros canais de informação é um fator presente da vida de um grande número de jovens, ou adultos, que apesar de viverem num contexto de remuneração precária, chegam de alguma forma ao ensino superior, mas chegam com dificuldades. Este é, por exemplo, um dado que pudemos observar no perfil dos alunos pesquisados no curso de Pedagogia. Vale esclarecer que mencionamos adultos porque no universo pesquisado 60% dos alunos têm idade acima de 30 anos. Sendo que 46% têm acima de 40 anos, 18% acima de 50, e apenas 11% tem idade abaixo de 20 anos. O que nos mostra um contingente grande de pessoas mais maduras interessadas no magistério.

Com relação a dificuldades, alguns dados nos apontam a necessidade de aprofundamento, por exemplo, sobre como se deu, e como se dá o acesso desses graduandos a uma escolarização de qualidade e quais suas possibilidades de dedicação efetiva a este processo. Sobre isto, a pesquisa mostra que a possibilidade de dedicação sempre foi e continua sendo um entrave para uma formação de qualidade. As condições de vida, especialmente as econômicas, sempre são impeditivas. Identificamos, no universo pesquisado, que 60% dos graduandos interromperam os estudos por um período antes de prestar o vestibular. Desse grupo 42% interrompeu os estudos por mais de cinco anos antes de chegar ao curso de Pedagogia no ISERJ, e o motivo mais recorrente para essa interrupção foi a necessidade de trabalhar. E, ainda hoje, 67% dos pesquisados estudam, mas também trabalham, tendo um tempo reduzido para dedicar-se a leituras, à elaboração de trabalhos, a reflexões, ou seja, a dedicação à formação acadêmica é relativa.

Destacamos que no universo de 72 alunos entrevistados só 12 já trabalham como professores e também se queixam da falta de tempo para cumprir as atividades cobradas pelos professores no curso de Pedagogia. Os outros 60 alunos têm empregos diversos e díspares do que vivem em seu processo de formação acadêmica. Podemos

deduzir que os alunos de Pedagogia do ISERJ, em sua maioria, não se enquadram numa categoria economicamente facilitadora do desenvolvimento de suas potencialidades acadêmicas. Isto se confirma pelos 79% que declaram serem eles os primeiros da família a acessarem o nível superior de ensino.

O acesso a bens culturais também parece ser um outro fator impeditivo da formação de um professor preparado e atento para as demandas de seu tempo.

Considerando que o uso do computador e da internet é hoje um instrumento imprescindível para quem tem como matéria prima de seu trabalho a informação, os dados obtidos demonstram ser esse um acesso também ainda restrito para os estudantes de Pedagogia. Quantitativamente o resultado da enquete mostra 77% dos alunos com acesso a computador e à internet. No entanto, na observação cotidiana com as turmas, verificamos uma contradição nesse resultado. Isto porque, quase todos os alunos pesquisados possuem endereço eletrônico e por isso os professores tentam estabelecer, via rede, uma troca de informações relativas ao curso, tais como: envio de textos, programas, recados e divulgação de eventos interessantes. No entanto, menos de 20% responde, ou toma conhecimento das mensagens enviadas pelos professores em

tempo ideal, evidenciando um acesso relativamente restrito a esse instrumento de comunicação/informação.

Constatamos também que 51%, praticamente só a metade dos alunos, possuem acesso à rede fechada de TV, apenas 27% leem jornal diariamente e, apesar de 82% afirmarem ter o hábito de ler, 71% leram, no máximo, seis livros durante o ano de 2008, teoricamente o ano dedicado ao estudo para o ingresso no ensino superior.

Esses dados não nos permitem generalizar o perfil do estudante de Pedagogia, futuro professor. Mas já demonstram que as dificuldades no processo de formação de bons professores, vão além da estruturação adequada de um curso, ou de uma grade curricular. Não descartamos a importância de rever e analisar criteriosamente a estrutura curricular dos cursos de formação de professores, porém há também de se ter atenção a essa dimensão mais ampla do que podemos chamar de qualificação ideal. É preciso levar em consideração as características e limitações de quem hoje se dispõe a ser professor. E, na verdade, cada vez menos os jovens fazem a opção pelo magistério, o que sinaliza uma preocupação para as futuras gerações. Não acreditamos que esta diminuição da demanda pelos cursos de Pedagogia e outras licenciaturas tem como causa apenas a pouca atratividade salarial. Há também o

desprestígio de uma identidade profissional que se acha afetada pelos desafios postos nos processos educativos atuais e, uma inadequada responsabilização da escola e do professor no conturbado comportamento das novas gerações.

Em meio a uma crise generalizada de papéis socializadores, pais e professores não conseguem delimitar com precisão onde começam e terminam suas responsabilidades, deixando as crianças à deriva e, muitas vezes, expostas a uma multiplicidade de orientações sobre valores, hábitos e comportamentos diante da vida. A falta de cumplicidade entre pais e professores na formação das crianças expõe com frequência os professores a duras críticas e cobranças sociais, nem sempre pertinentes. Por que então há jovens e adultos, e aqui mais uma vez destacamos o fato da maioria dos estudantes pesquisados se enquadrar na categoria adulto, que ainda procuram o magistério como projeto profissional?

O resultado da enquete realizada com os alunos de Pedagogia do ISERJ, aponta que 74% pretendem atuar no magistério após o término do curso, ou seja, têm como projeto ser professor, apesar das adversidades que envolvem a profissão, apesar da profissão não oferecer nenhuma vantagem identitária. A maioria ressalta como motivação para escolha do curso de Pedagogia a vocação, o aprimoramento

profissional e uma possível migração da profissão atualmente exercida para o magistério da Educação Infantil ou séries iniciais do Ensino Fundamental.

Um outro fator que envolve a profissão de professor diz respeito ao seu pertencimento e a sua atuação política, que também envolve sua identidade.

A análise de Hall sobre o “jogo de identidades” na modernidade tardia, suscita para nosso trabalho, por exemplo, uma reflexão sobre a fragilização das lutas de professores e profissionais da educação por melhores condições de trabalho, ou mesmo pela recuperação da identidade profissional, tão vilipendiada nas últimas décadas. E, além disso, é freqüente professores estarem expostos a condições laborais adversas, com conflitos extra e intraescolares que afetam o sentimento de pertencimento e conseqüentemente as lutas em prol de melhorias para a categoria. Tudo isso demonstra o quanto os processos relacionais vêm dificultando que a identidade pessoal e profissional do professor se construa de forma positiva.

Já as análises de Bauman (2005) sobre a dinâmica social e relacional na pós-modernidade, que ele categoriza como a era “líquido-moderna”, abordam as agruras existenciais impostas aos indivíduos pela ambigüidade relativa a esse sentimento de pertencimento. Para ele, a *idéia de “identidade”*

nasceu da crise do pertencimento, uma crise que gera a flutuação de identidades. As “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras in fadas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas,(p. 19)

O que nos interessa nos conceitos, categorias e análises desenvolvidas por Bauman é relacionar o mal estar educativo, acima abordado pelo trabalho de Luiza Cortesão, com as questões existenciais contemporâneas mais amplas, que Bauman tão precisamente aponta em suas obras. O mal estar gerado pelo sentimento de não pertencimento parece estar generalizado. Hoje todos nós vivemos a sensação de descartabilidade e perseguímos avidamente símbolos de pertencimento que atendam aos grupos que nos rodeiam e os impressionem. Sentimos a necessidade de reconhecimento constante e perseguímos um ideal de realização quase inatingível para a maioria de nós, mas que nem sempre conseguimos deixar de almejar. As identidades de nossa escolha dificilmente não se relacionam com outras in fadas e lançadas pelas pessoas em nossa volta. No entanto, os estudantes de Pedagogia pesquisados parecem representar um grupo que efetivamente defende a identidade, ou as identidades, de sua própria escolha em

detrimento de tudo que cerca hoje a profissão docente. Há ainda jovens e adultos que escolhem a profissão de professor. Mas, diante de todas as dificuldades que envolvem a profissão no mundo atual, por quanto tempo é possível sustentar de forma satisfatória essa motivação, esse projeto de realização pessoal e profissional depois de finalizada a formação?

O que podemos concluir sobre os resultados dessa primeira etapa da pesquisa é que, apesar de todas as dificuldades que envolvem a formação e o exercício da profissão docente, a maioria dos alunos do curso de Pedagogia no ISERJ optou por esse caminho profissional movida por um projeto profissional lúcido e comprometido com a melhoria da educação. No entanto, parece haver um número de alunos que, por algum motivo, não teve suas expectativas atendidas ao ingressar no curso, porque, ao final do primeiro semestre letivo, foi constatada uma evasão de 28%, e os motivos desse índice de evasão serão investigados na próxima etapa do estudo.

Sobre o perfil desses estudantes, identificamos que, em sua maioria, são jovens e adultos oriundos de famílias simples e demonstram uma real motivação para o exercício da profissão. Com acesso relativo a bens culturais demonstram também uma vida simples, mas atenta às questões de

nosso tempo ■

NOTAS:

1 Mestre em Educação -UFF - Doutora em Saúde Mental – UFRJ. Professora do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e da Universidade Severino Sombra

2 Projeto Memória ISERJ- Centro de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, espaço vinculado ao ensino superior do ISERJ-Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, mantido pela FAETEC, que desde de 2001 realiza trabalhos de pesquisa, tendo recebido em 2006 apoio da FAPERJ para ampliação de seus estudos.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. RJ: Jorge Zahar, 2005.

_____. O mal-estar da pós-modernidade. RJ: Jorge Zahar, 1998.

CORTESÃO, Luiza. Ser professor: um ofício em risco de extinção? SP: Cortez, 2002.

DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.SP: Martins Fontes, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-modernidade. 2ª ed. RJ: DP&A, 1998.

SILVA, Marco. Educar em nosso tempo: desafios da teoria social pós-moderna. In: MAFRA, LA & TURA,MRL. Sociologia para educadores. RJ: Quartet, 2005.

REVISTA VEJA. Fábrica de maus professores. Novembro, 2008. p.17/21.